

# Gravidade do pecado cometido pelos primeiros homens

Santo Agostinho

Alguém poderá ficar impressionado por a natureza humana não sofrer pelos outros pecados uma alteração como a que sofreu com a prevaricação dos primeiros homens ao ponto de ficar sujeita à corrupção que verificamos e sentimos. Por essa prevaricação ficou ela sujeita à morte e submetida a tantas e tão grandes perturbações contraditórias. Com certeza que não era assim no Paraíso antes do pecado, embora existisse em um corpo animal. Se alguém, repito, ficar com isso impressionado, nem por isso se deve considerar como leve e pequena a falta, lá porque apenas foi cometida em questão de comida e que nem sequer era má e nociva a não ser por ser proibida. De fato, Deus não iria criar nem plantar em lugar de tão grande felicidade o que quer que fosse de mau. O que no preceito se recomendou foi a obediência – virtude que é como que a mãe e guardiã de todas as virtudes na criatura racional. A criatura racional foi criada de tal feição que lhe é útil estar sujeita à obediência, e é-lhe prejudicial fazer a sua própria vontade e não a d’Aquele por quem foi criada. Assim, este preceito de não comer de certo gênero de comida onde tão grande abundância de outras havia – tão fácil de cumprir, tão breve para ser retido na memória, sobretudo quando a concupiscência ainda não resistia à vontade, o que aconteceu logo depois do castigo – foi violado com tanta maior injustiça quanto mais facilmente podia ser observado.

**Fonte:** *A Cidade de Deus*, Santo Agostinho, Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. 2, p. 1275-6.